

Trabalho e qualidade de vida - II

Resumo

Objetivou-se levantar dados sobre a população de Porto Rico, Estado do Paraná, visando caracterizá-la e verificar a natureza de suas aspirações. Para que esses dados pudessem ser compreendidos, foi necessário retomar, brevemente, a história da região. Entrevistas aplicadas aos moradores de uma em cada três casas da localidade abordavam aspectos como as atividades profissionais desempenhadas por eles, os graus de satisfação com o desempenho destas atividades e com os ganhos auferidos a partir dele, a existência de aspirações por outras atividades de trabalho possíveis ou desejáveis e concepções dos entrevistados sobre o que seria “viver bem”. Os resultados mostram que os entrevistados, de forma geral, embora não estejam satisfeitos com suas condições atuais de vida e de trabalho, adotam posturas conformistas e apresentam dificuldades em idealizar alternativas profissionais. Mostram, também, como suas histórias de vida e as condições de sua participação na estrutura social contribuem para a existência e a manutenção deste círculo vicioso.

Introdução

A região considerada pelo estudo é a da Planície Alagável do Rio Paraná, em particular a compreendida pelo município paranaense de Porto Rico. Segundo Agostinho e Zalewski (1996), o início da colonização da região é de 1939. Houve diversos conflitos pela posse da terra até a década de sessenta. As atividades principais, nessa época, foram os cultivos do café e do algodão.

Entretanto, segundo Agostinho e Zalewski (1996) e Rosa (1997), até meados dos anos sessenta o café tinha sido, praticamente, eliminado. Os pequenos proprietários passaram a plantar milho, mandioca e algodão para sua subsistência e para comercialização. Houve crescimento populacional até os anos setenta. A partir dessa década começa o declínio populacional. A concentração fundiária e a expansão da pecuária foram os fatores responsáveis pela expulsão dos pequenos proprietários, arrendatários, meeiros, parceiros e até dos posseiros da região. O decréscimo populacional (segundo o IBGE) foi superior a 38%, no período apontado. Parte da população foi transferida para outros estados, outra parte ocupou as ilhas da região. Os que permaneceram nos municípios passaram a sobreviver como volantes (“bóias-frias”). A grande enchente de 1982/83 expulsou os ilhéus para o continente. Rapidamente os fazendeiros passaram a ocupá-las para alimentar o gado durante o período de estiagem. Atualmente, a crescente incorporação desordenada de áreas ao sistema produtivo vem demonstrando ser incompatível com a conservação da diversidade biológica e com a pesca. De acordo com Rosa (1997), Tomanik, Godoy e Ehlert (1997) e Tomanik e Godoy (2004), a situação das populações de baixa renda da região é precária. De acordo com dados do IBGE citados em Rosa (1997), 34,2% da população dos municípios da região em estudo vive em condições de indigência.

A proposta deste texto é apresentar os resultados obtidos através de uma pesquisa sobre as aspirações pessoais e profissionais de uma parcela dessa população.

Procedimentos

A estratégia adotada para o levantamento de dados consistiu em, a partir de um mapa da

cidade, no qual as ruas foram numeradas para facilitar sua identificação, visitar as residências e solicitar a disposição de um dos residentes para responder a algumas perguntas.

Para o estabelecimento da amostra utilizou-se da estratégia de visitar a primeira casa de cada rua e a partir desta, visitar uma a cada três, isto é, eliminar duas casas a partir da casa visitada e visitar a próxima. Quando a residência a ser visitada estava fechada, ou seja, não havia morador presente no momento, o pesquisador dirigia-se à casa anterior e contava a casa vazia como uma daquelas a ser eliminada para a realização da entrevista seguinte. Desta forma foram visitadas 1/3 das residências da localidade.

Nenhum dos visitados recusou-se a responder a pesquisa. Obtida esta concordância os pesquisadores preenchiam um primeiro formulário sobre a composição do grupo familiar dos entrevistados e algumas das características dos participantes deste grupo, tais como nome, relação de parentesco com o chefe da família, idade, escolaridade, ocupação principal e tipo de vínculo empregatício, nos casos em que esta categoria era aplicável. Estes dados serviram, inicialmente, para a caracterização dos participantes da amostra e devem servir, posteriormente, para o estabelecimento de alguns cruzamentos de dados que levem em consideração as condições de trabalho dos grupos familiares dos respondentes.

O segundo instrumento consistia em uma entrevista semi-estruturada, com perguntas sobre o envolvimento do entrevistado e de seus familiares com o turismo e os posicionamentos do entrevistado em relação ao turismo e aos turistas. O roteiro básico das entrevistas é reproduzido no Quadro abaixo.

Quadro 1 Roteiro Básico das Entrevistas

Aspirações e concepções profissionais

1. No que você trabalha?
2. Porque você está trabalhando nisto?
3. Você está satisfeito com o seu trabalho? Porque?
4. O que você ganha está bom? Porque?
5. Além deste serviço, em que mais você poderia trabalhar?
6. Se não fosse esse, qual o trabalho que você gostaria de ter?
7. Se você pudesse escolher, em que você gostaria de trabalhar?
8. Para alguém que pudesse escolher, qual você acha que seria o melhor trabalho do mundo? Porque?
9. Quanto você acha que alguém precisaria ganhar para viver bem?
10. O que uma pessoa precisaria ter para viver bem?
11. Que tipo de trabalho você não gostaria de ter?

As respostas dos entrevistados foram anotadas, transcritas para uma tabela de dados no programa Excel, posteriormente foram submetidas à análise de conteúdo, conforme Bardin (1977), e classificadas a partir de categorias eleitas tendo por base os conteúdos das respostas dos entrevistados.

Resultados

A população em estudo pode ser caracterizada, na perspectiva deste trabalho, como: 1. adulta (60% tem entre 30 e 60 anos), 2. com baixa escolaridade (18,39% são analfabetos¹, 2,87 são alfabetizados e 37,93% têm o Ensino Fundamental incompleto, o que significa 59,19% da população), 3. com baixa qualificação para atividades de trabalho que exigem alguma tecnologia mais especializada. É por isso que desempenha atividades de trabalho elementares, tais como diarista ou doméstica (14,94%), do lar (14,94%), funcionário público em nível de auxiliar (especialmente em tarefas braçais) e pescador (7,47%). É importante salientar que o contingente de pensionistas ou aposentados (17,82%) representa a maior concentração na população estudada. Os desempregados são 4,60% do total. Pode-se afirmar que unicamente 23,0% dos entrevistados desempenham alguma atividade profissional que exija conhecimentos e qualificações além das necessárias para cuidar de uma moradia, ou seja, realizam alguma atividade extradoméstica.

A atividade de trabalho atual, além de ser elementar (só pouco mais de 9% desempenha atividades que exigem alguma qualificação específica) é desempenhada por falta de outra opção (73,56%). Diante desse quadro, não resulta estranho que, embora se declarem satisfeitos, os mesmos afirmam estar nesse trabalho por falta de outra opção. Mais ainda, 36,57% declaram trabalhar nessa atividade apenas por uma questão de sobrevivência. Já os que se declaram não satisfeitos com seu trabalho, manifestam como causa de sua não satisfação, ganhar pouco (55,00%) ou por não ter outra opção (17,50%).

No que diz respeito ao ganho, a maioria (52,3%) afirma não estar satisfeita ou mais ou menos satisfeita. De acordo com Herzberg (1978), o oposto de satisfação é não satisfação (e não insatisfação). A partir dessa teoria, não satisfeito e mais ou menos satisfeito fazem parte da mesma categoria, não satisfeitos.

Para 60,73%, o motivo de afirmar estar satisfeito é que esse ganho possibilita a sobrevivência. Os que não responderam a esta questão representam 32,50% do total. Pode-se inferir que se a maioria se declara satisfeita com o que ganha porque lhe permite sobreviver, essa satisfação poderia ser interpretada como conformismo. Dos que declaram não estar satisfeitos, 37,04% o estão porque “*não dá para viver decentemente*” e 25,93% afirmam ser porque se trata de “*muito trabalho e pouco pagamento*”.

Quanto à aspiração por outra atividade de trabalho possível, a concentração mais significativa (44,25%) esteve nas categorias de respostas “não sei”, “não tenho” e “sem

¹ De acordo com os Dados Estatísticos do Analfabetismo – IBGE, Censo 2.000 – a taxa de analfabetismo da população com 15 ou mais anos, no Brasil, é de 13,63%. Na Região Sul do Brasil, 7,66% e na Região Norte, 16,34%. De acordo com esses dados, a taxa de analfabetismo de Porto Rico é comparável com a da Região Norte.

resposta”. Portanto, quase a metade dos respondentes não tem noção de outras atividades que poderiam desempenhar.

Já na aspiração por outras atividades desejáveis, 47,7% manifestaram não saber ou não ter outra opção profissional. Quando questionados sobre trabalhos que não gostariam de exercer, serviços domésticos (18,97%) e agricultura (17,24%) foram os de maior concentração de respostas. Sobre outras atividades que gostariam de exercer se pudessem escolher, as principais opções foram serviços domésticos (11,49%) e agricultura/apicultura (11,49%). As categorias “outros”, “não sei”, “qualquer uma” e “sem resposta”, representaram 49,38% das respostas.

Por fim, quando perguntados sobre qual seria, para eles, o melhor trabalho do mundo, 59,77% das respostas foram “não sei”. Respostas como “todos”, “qualquer um” e “outras” foram citadas, mas por menos de 1% dos respondentes cada uma. Pela primeira vez, foram mencionadas atividades como “médico/dentista” (7,47%), “bancário” (5,17%), “autônomo” (2,87%), “informática” (1,15%) e “político” (1,15%). As restantes são as mesmas que eles e muitos dos seus pares exercem: “serviços domésticos” e “agricultura”.

Por último, sua noção de “viver bem”. A primeira pergunta desta categoria foi: quanto é necessário para se viver bem? Uma proporção de 71,84% dos entrevistados manifestou que entre R\$300,00 e R\$1.200,00. Ao serem perguntados se “vivem bem”, 74,14% afirmaram que viver bem significa ter “*trabalho, emprego*” (14,01%), “*moradia, mobília e roupas confortáveis*” (11,48%), “*dinheiro, salário, finanças equilibradas*” (8,96%), “*família estruturada*” (7,56%), e “*paz, harmonia, felicidade, sossego*” (6,72%).

Conclusões

A partir desses resultados é possível aventar algumas conclusões, ainda que provisórias. Além disso, diante das características da população em estudo apresentadas no início e dos resultados obtidos, há algumas sugestões possíveis.

Pelo histórico da Região, a população nunca teve a oportunidade de firmar uma atividade de trabalho de maneira mais permanente. Os agricultores tiveram que mudar da cultura do café para a do algodão e depois foram obrigados a migrar, diante da invasão dos pecuaristas. Restaram apenas alguns peões nas fazendas, alguns ilhéus resistentes, os comerciantes, os pescadores e as respectivas famílias.

É largamente conhecido o fato de que uma cultura regional só se estabelece e desenvolve após três ou quatro gerações. É fácil imaginar o quanto essa cultura foi sofrendo cortes, interrupções no seu processo de construção e, hoje em dia, nos fala de uma população que tem imensas dificuldades para sobreviver por falta de tecnologia, escolaridade e qualificação profissional para atividades alternativas à pesca (atualmente quase inviabilizada em nível comercial), à agricultura comercial e ao comércio. Provavelmente seja por isso que o surgimento do turismo, mesmo que trazendo alguns conflitos, seja visto com bons olhos, especialmente pelos que tem barco, a maioria pescadores.

Essa mesma história ajuda a entender os porquês da falta de escolaridade e de qualificação profissional, fatos que condenam os moradores a atividades meramente braçais ou

domésticas, de serviço público em nível elementar ou a viver de aposentadoria. Uma população “envelhecida”, sem qualificação, sem escolaridade, sem uma cultura bem definida só poderia ficar “parada no tempo”. A impossibilidade dos moradores perceberem outras alternativas ocupacionais deixa claros os limites estreitos do horizonte sócio-cultural dessa população. Não por acaso os adolescentes que podem, migram.

Se o trabalho for analisado na perspectiva do Nível de Aspiração, as coisas pioram. Não há aspirações de auto-superação e de superação dos entraves existentes. As pessoas parecem querer apenas “ir vivendo”, sem novas e maiores necessidades, sem perceber desafios que possam alterar o precário equilíbrio conseguido.

Descobrir novas alternativas de trabalho e renda, com respeito ao ambiente e de maneira sustentável, certamente poderá abrir novos horizontes. A apicultura, o artesanato, o turismo sustentável, a criação de peixes, a agricultura camponesa poderão vir a ser alternativas viáveis para a população pobre de Porto Rico.

Referências

- AGOSTINHO, A. A.; ZALEWSKI, M. A planície alagável do alto rio Paraná: importância e preservação. Maringá: EDUEM. 1996.
- HERZBERG, F. *Mais uma vez, como se faz para motivar funcionários?* São Paulo: Biblioteca Harvard de Administração de Empresas. 1978
- ROSA, M. C. Processo de ocupação e situação atual. In VAZZOLER, A. E. A.de M., AGOSTINHO, A.A. e HAHN, N. S. (Eds.) A Planície de Inundação do alto Rio Paraná: aspectos físicos, biológicos e socioeconômicos. Maringá: EDUEM, 1997. p. 371-394
- TOMANIK, E. A. e GODOY, A. M. G. Demographic Studies in the upper Paraná river Floodplain. In AGOSTINHO, A. A. et al (Eds.) Structure and functioning of the Paraná River and its floodplain. LTER - site 6. Maringá: EDUEM, 2004. p. 253-258
- TOMANIK, E. A., GODOY, A. M. G. e EHLERT, L. G. A vida na região: dados socioeconômicos do núcleo urbano de Porto Rico. In VAZZOLER, A. E. A.de M., AGOSTINHO, A.A. e HAHN, N. S. (Eds.) A Planície de Inundação do alto Rio Paraná: aspectos físicos, biológicos e socioeconômicos. Maringá: EDUEM, 1997. p. 395-414